

Educação, Gênero e Religião entre tramas e fios

Amanda Mota Angelo Castro
Mestranda do PPGEdu – UNISINOS
mottaamanda@yahoo.com

Prof^a Dra. Edla Eggert
Professora do PPGEdu – UNISINOS
edla@unisinós.br

Resumo

Este trabalho tem como objetivo principal apresentar algumas reflexões sobre Educação, Gênero, Religião e o trabalho artesanal realizado por mulheres. Nossa pesquisa empírica ocorre num ateliê de tecelagem no município de Alvorada região metropolitana de Porto Alegre no Estado do Rio Grande do Sul. Com o viés, educação, gênero e religião nossa pesquisa busca problematizar a questão de mulheres pentecostais e suas implicações no trabalho cotidiano num atelier de tecelagem. A metodologia dessa pesquisa ocorre por meio da observação participante, entrevistas individuais e tem nas narrativas das historias de vida a organização de um eixo que temos chamado de ‘pesquisa formação’ com base nos estudos de Marie-Christine Josso.

Palavras Chaves: Tecelãs. Religião.

1. Situando a pesquisa empírica

Empíria, segundo Japiassú (2006), é uma experiência bruta, ela vem antes de qualquer elaboração, no campo do conhecimento, a empíria constitui, portanto o que vem antes da intervenção racional, fundamentação teórica e da sistematização.

Nossa pesquisa empírica ocorre num ateliê de tecelagem, ali, mulheres “ganham a vida” fazendo arte entre tramas e fios, uma arte milenar, a tecelagem é uma das formas mais antigas de artesanato presente nos dias atuais. No ateliê os fios e tramas ganham forma e cores, num processo de criação e produção encantador.

O ateliê de tecelagem este localizado no município de Alvorada¹, região metropolitana de Porto Alegre. Alvorada, município pobre com poucas opções de trabalho, fez com que algumas mulheres buscassem na tecelagem uma forma de sustento, tanto para elas como para suas famílias, evitando assim o longo trajeto de deslocamento ate Porto Alegre, onde muitas mulheres de Alvorada trabalham, sobretudo nas atividades do comercio, serviços gerais e em casas de família como empregadas domesticas.

Entendemos que a tecelagem possui um saber, utilizamos aqui o saber como um conceito de experiência de vida, que pode resultar na criação de novos conhecimentos, um saber que tem diferença do conhecimento constituído, sistematizado e instituído, pois segundo Chauí (2002), o saber pode tornar-se conhecimento. Observamos ser predominantemente feminino o saber da tecelagem no Estado do Rio Grande do Sul e por essa razão “perde” muito de sua “técnica” e “importância”.

Pelo que viemos observando, há um esvaziamento da potência desse saber que se dá por vários motivos, entre eles, segundo Lagarde (2005) acontece pelo fato da sociedade patriarcal geral acolher a idéia de que as mulheres têm como missão última e valor maior: a maternidade, ou seja, tomarem o cuidado para com os outros como tarefa básica. Segundo Eggert (2004) isso ocorre pelo fato da sociedade reafirmar a mulher como “responsável” pela esfera privada, tendo com base principal o trabalho doméstico, o amor materno e a obediência.

Perrot (2007) destaca que as mulheres ao longo da historia da humanidade sempre trabalharam, porem seu trabalho foi invisibilizado, ora por ser um trabalho doméstico, ora pelo fato da mulher realizar trabalho artesanal ou de ajudante do marido no trabalho informal ou no negocio do marido, principalmente nos comércios. “As mulheres sempre trabalharam. Seu trabalho era da ordem do domestico, da reprodução, não valorizado, não remunerado” (PERROT, 2007, p. 109). Para essa autora o mundo não teria sobrevivido e muito menos desenvolvido sem o trabalho das mulheres.

¹ Alvorada emancipou-se no dia 17 de setembro de 1965, conforme a lei estadual nº 5026, e o nome de Alvorada, acredita-se que seja uma referência ao seu povo constituído em sua maioria por trabalhadores que acordavam nas primeiras horas da manhã para trabalhar na capital do Rio Grande do Sul (Porto Alegre). Com 72,9 Km2, e área urbana legal de 52 Km2 o município é um dos menores do Estado. A economia é baseada principalmente no comércio e no setor de serviços, além da maioria da população trabalhar no município de Porto Alegre, fazendo com que a cidade seja conhecida também como cidade-dormitório. Sua População segundo dados do IBGE de 2008 conta com 211.233 habitantes. Informações obtidas no site www.alvorada.rs.gov.br no dia 08/10/2009 (PREFEITURA ALVORADA, 2009).

Sabemos que a valorização e visibilidade do trabalho feminino é uma luta que esta sendo travada, porem ainda longe de estar plenamente conquistada. O trabalho da mulher é invisibilizado e desvalorizado tanto quando se trata do serviço doméstico, artesanal dentre tantos outros trabalhos produzido por mulheres², e isso contribui para a manutenção da sociedade patriarcal que segue inferiorizando a experiência³ das mulheres.

Compreendemos que o movimento feminista tanto na militância como na academia conquistou muito, porem sabemos que ainda temos um longo caminho a percorrer para a conquista de direitos iguais entre os sexos (SAFFIOTI, 2004).

Segundo dados da Síntese de Indicadores Sociais, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2008, em todas as posições de trabalho que ocupam, o rendimento médio dos homens é maior que das mulheres. A mulher recebem 22% a menos que os homens⁴.

2. Gênero e Religião: A Igreja Pentecostal Assembléia de Deus em foco

A pesquisa, não é neutra, sendo assim entendemos ser importante e necessário situarmos o campo teórico de onde falamos. Entendemos *gênero* como um conceito de ordem ideológica, política e de lutas, (SAFFIOTI, 2004). Portanto, utilizamos o conceito de gênero entendido como o estudo das relações socialmente produzidas de homens com mulheres, mulheres entre mulheres e homens entre homens, um conceito que foi sendo produzido nos estudos relacionados a diversos campos do feminismo, por isso também de ordem ideológica, política e de lutas. Lutas que visam à transformação das relações entre todos, mulheres com homens, mulheres entre si e também homens entre si (SAFFIOTI, 2004), segundo Gebara (2000, p.107):

² Veja Michelle Perrot no livro Minha Historia sobre as mulheres capitulo intitulado O trabalho das Mulheres.

³ Experiência vem do grego *empeiria*, matriz de “empírico”, no sentido mais básico, experiência refere-se a apreensão que os sujeitos fazem da realidade. Verificar Edênio Valle Religião ano 2000, capitulo 2 Experiências religiosas. Segundo Fabris (1997, p.13) “Aristóteles, discutiu o tema em diversas obras, utilizando três termos para indicar diferentes facetas de sua compreensão acerca da experiência: *Aisthesis* indica sensação, sentimento e intuição; *empeiria* indica experiência no sentido de habilidade e prática; *peira* indica prova e experimento”.

⁴ Indicadores Sociais, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), pesquisa concluída em 2008 e divulgada em 2009. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/pesquisas/default.shtm>> acessado em 09/10/2009 (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2009).

[...] Gênero quer dizer, entre outras coisas. Falar a partir de um modo particular de ser no mundo, fundado, de um lado, no caráter biológico do nosso ser, e de outro lado, num caráter que vai além do biológico porque é justamente um fato de cultura, de história, de sociedade, de ideologia e de religião.

O foco do nosso olhar é a Educação, Gênero, Religião e trabalho feminino, analisamos como acontecem os modos de aprender e ensinar, criar e produzir na tecelagem. Juntamente com o processo de Educação e trabalho buscamos compreender como as femilidades aprendidas na sociedade e reafirmadas na igreja pentecostal Assembléia de Deus interferem no trabalho cotidiano de tecelagem produzida por mulheres.

Durante a empiria descobrimos no ateliê que mulheres pentecostais, além de tecer ensinavam as demais companheiras de trabalho os ensinamentos religiosos.

A Igreja Assembléia de Deus foi fundada no norte do Brasil em 1911, hoje ela é a segunda instituição religiosa em número de fiéis e templos em solo Brasileiro, perdendo apenas para a Igreja Católica, apesar de seu expressivo número de fiéis, Mariano (2005, p. 15) afirma que “Os crentes são minoria no país quanto aos estudos sobre religião, o que escrito sobre eles é bem pobre se comparado ao catolicismo ou ao afro-brasileiro”.

A pesquisa no ateliê iniciou em 2007 onde então trabalhavam por volta de quinze mulheres, nenhuma delas aprendeu o ofício da tecelagem na família, e sim com uma tecelã, que ensina a arte da tecelagem para as demais. As mulheres do ateliê estão organizadas como forma de cooperativa⁵, trabalhando de segundas a sextas - feiras, em turno integral produzindo peças de vestuário e produtos para casa.

A metodologia desta pesquisa ocorre por meio da observação participante e entrevistas individuais e tem nas narrativas das histórias de vida a organização de um eixo que temos chamado de ‘pesquisa formação’ com base nos estudos de Josso (2004) e nos grupos de discussão com base em Weller (2006).

O conceito de experiência tem para o grupo de pesquisa⁶ um investimento de

⁵ O cooperativismo representa a união entre pessoas voltadas para um mesmo objetivo. Uma organização dessa natureza caracteriza-se por ser gerida de forma democrática e participativa, de acordo com aquilo que pretendem seus associados. As sociedades cooperativas estão reguladas pela Lei no 5.764, de 1971 que definiu a Política Nacional de Cooperativismo. Informações obtidas no site da receita federal <www.receita.fazenda.gov.br/.../pr634a646.htm>. Acessado em 10/08/2009 (BRASIL, 1971).

⁶ A pesquisa intitulada “Tramas do ensinar e do aprender em espaços não – formais e sua interface com a pedagogia escolar”, é coordenada pela professora doutora Edla Eggert, professora do Programa de Pós – graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, possui financiamento

estudo e debate, pois a trajetória de quem compõe o grupo aponta para duas realidades que sempre consideraram a experiência como desencadeadora da produção de saberes e conhecimento: a educação e o feminismo. Estamos levando em consideração o exercício de (re) leituras, dos processos de ensino – aprendizagem num lugar de ensino não – formal e suas implicações no cotidiano do trabalho de mulheres.

No ano de 2009 observamos que a crise financeira mundial afetou o atelier. Os pedidos foram reduzidos pela metade. Por falta de pedidos, algumas mulheres saíram do ateliê em busca de trabalho, permaneceram então no ateliê oito mulheres.

Nossa pesquisa então passa a acompanhar momentos de despedidas, tristezas, desanimo, desesperanças e a busca das tecelãs que permaneceram no ofício da tecelagem para que de alguma forma a crise fosse vencida, acompanhamos ali a felicidade ser adiada, a felicidade de ter trabalho, a felicidade de poder produzir, de poder “*ganhar a vida*”, de poder manter o sustento necessário para sobreviver. Passaram a fazer do cotidiano das mulheres tecelãs as palavras tristes e poéticas de Gebara (2000, p. 95): “Cada dia que passa se adia a justiça para amanhã, a plenitude do amor para depois, a felicidade para a eternidade”, a tristeza, o desgaste e o cansaço pareceu ter tomado os “ares” do ateliê.

Nesse momento de angústia, passamos a observar algo interessante: as mulheres, dirigidas por uma tecelã que trabalha há dez anos no ateliê, fiel da igreja pentecostal Assembléia de Deus passou a incorporar uma rotina antes não realizada durante o trabalho de tecelagem, ela passou a “transmitir” ensinamentos da igreja no ateliê por meio de orações, palavras da bíblia lidas no início da manhã e conversas informais sobre Deus e Fé com suas colegas.

Dessa forma elas instituíram um ritual de a cada manhã de ler um versículo bíblico e orar pelo bom andamento dos seus trabalhos e suas famílias. Isso tem trazido bem estar ao grupo segundo o relato de todas. A fala de uma das tecelãs durante a observação participante retrata bem como o coletivo recebe a nova pratica “É, eu acho que esta sendo bom né? Eu acredito Nele, a *Tecelã 2* tem falado muito que Ele pode nos

ajudar a mudar toda a situação aqui no ateliê, eu acredito Nele, eu preciso acreditar né? Porque preciso trabalhar.” (TECELÃ 1, 2009⁷).

Ao que parece, a necessidade organiza o desejo ou, na linguagem religiosa, Deus vem ao encontro de quem pede e acredita. Ainda não temos elementos para uma análise mais detalhada, mas entendemos que essa busca por um amparo e uma solução que vem das alturas compõe uma aprendizagem que, na educação das mulheres está profundamente relacionada a um “pensamento mágico” segundo Lagarde (2005). Segundo essa autora, as mulheres são as que transmitem, rezam e choram o sentido comum da vida. A concepção do mundo é a partir da associação de idéias semelhantes que simplificam a assimilação e a interpretação das coisas, e por aprender que as forças vêm de fora, dos outros elas facilmente buscam fora de si mesmas as respostas necessárias para suas inseguranças e necessidades. Aqui podemos relacionar uma série de itens os quais são muito mais comprados lidos e freqüentados pelas mulheres do que pelos homens como, por exemplo: as cartas de tarô, a leitura dos horóscopos, a leitura das mãos, a freqüência nos círculos de oração e nas igrejas.

Para essas mulheres a religião e os exercícios de fé que vem ocorrendo no ateliê diariamente tem um pouco dessa mistura entre o mágico e o milagre. No livro Segundo Sexo Simone de Beauvoir (2009) também aponta nessa direção quando escreve sobre a mulher mística, que esta acostumada a estar de joelhos, esperando que a salvação dessa, que venha Do Outro, que venha de “fora”, que venha de um homem e não delas mesmas. A frase: “Foi Deus quem quis assim”, é muito ouvida no ateliê nesses momentos de incertezas.

3. Algumas considerações finais provisórias

Segundo Schultz (2005), quem estuda religião deve estar preparado/a para dois movimentos importantes: O primeiro é de profundo respeito, de quem esta pesquisando com os exercícios de fé das pessoas que estão sendo pesquisadas. O segundo é o contentamento com a parcialidade tanto de quem pesquisa como de quem lê.

Nunes (2005) nos chama a atenção quanto ao necessário avanço na problemática gênero e religião, ela afirma que apesar de os estudos de gênero e religião terem

⁷ CASTRO, A. MA. Diário de campo. Anotações com base em conversas realizadas no dia 10 de agosto

aumentado em número e qualidade, ainda temos menos estudos críticos do que seria necessário e desejável. Entretanto, a mesma autora em 2006 afirma que: “[...] nenhuma área das religiões instituídas deixou de passar pelo crivo crítico do olhar feminista” (NUNES, 2006, p.1).

Entendemos, portanto a importância das questões de gênero e religião serem revistada, por diferentes olhares, inclusive no campo da Educação, pois suspeitamos que uma igreja com tamanha expressão em números de fieis, está culturalmente inserida na sociedade e através dos/as fieis estas instituições ensinam e reafirmam ensinamentos, em especial aqui os ligados as questões de gênero. Portanto, podemos suspeitar que estes produzem pedagogias no cotidiano das igrejas e nos vários espaços onde eles se relacionam, sobretudo nos espaços não formais de ensino.

Acreditamos que o caminho a trilhar para conquistas no campo feminista, entre eles o da visibilidade do trabalho feminino passa por muitos lugares: Pela academia através das pesquisas realizadas no campo de gênero e feminismo, pela militância e também pela vida cotidiana das mulheres. Acreditamos poder ser também nossa pesquisa uma contribuição para as mulheres desse ateliê de tecelagem, para que as experiências que as cercam no dia a dia tornem-se marcas de potencia e com isso possamos pensar outros caminhos, incluindo a buscar mais dignidade na aprendizagem das relações de gêneros e a visibilidade do trabalho feminino.

referências

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2009.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A pergunta a várias mãos, a experiência da pesquisa no trabalho do educador*, São Paulo, Cortez, 2003.

BRASIL. Ministério da Fazenda. *Lei nº 5.764, de 1971*. Política Nacional de Cooperativismo. Disponível em: <www.receita.fazenda.gov.br/.../pr634a646.htm>. Acesso em: 10 ago. 2009.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*, São Paulo, Atica, 2002.

de 2009. As tecelãs são identificadas na pesquisa por números.

EGGERT, Edla. domÉSTICO espaços e tempos para as mulheres reconhecerem seus corpos e textos. In: STRÖHER, Marga J. (Org.). *À flor da pele: ensaios sobre gênero e corporeidade*, São Leopoldo, RS, Sinodal, 2004.

FABRIS, A. Esperienza e mistica. In: MOLINARO, A.; SALMAN, E. *Filosofia e mistica: itinerari di un progetto di ricerca*. Roma: Pontificio Ateneo Sant'Anselmo, 1997. cap. 1. p. 13-28.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*, 25. ed., São Paulo, Paz e Terra, 1997.

GEBARA, Ivone. *Rompendo o silencio: uma fenomenologia feminista do mal*, São Paulo, Vozes, 2000.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Indicadores Sociais*. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home>>. Acesso em: 9 out. 2009.

JAPIASSÚ, Hilton. *Dicionário básico de filosofia*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2006.

JOSSO, Marie-christine. *Experiências de vida e formação*, São Paulo, Cortez, 2004.

LAGARDE, Marcela. *Cautiverios de las mujeres: madresposas, monjas, putas, presas y locas*, 4. ed., Ciudad del México, UNAM, 2005.

LANZELOTTI, Gilbert. *História da tecelagem artesanal no Brasil*. Disponível em <<http://guiadecorar.com.br/posts/visualiza/1493>>. Acesso em 10 de outubro de 2009.

MARIANO, Ricardo. *Neo pentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*, 2. ed, São Paulo, Loyola, 2005.

NUNES, Maria Jose Rosado. Teologia feminista e a critica da razão religiosa patriarcal: entrevista com Ivone Gebara. *Revista de Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 14, jan./apr. 2006. p. 01 -05.

_____. *Gênero e Religião*. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v13n2/26888.pdf>>. Acesso em: 5 ago. 2008.

_____. Gênero, saber, poder e religião. In: ANJOS, Márcio Fabri dos. *Teologia e novos paradigmas*, São Paulo, Loyola, 1996.

PERROT, Michelle. *Minha historia sobre as mulheres*, São Paulo, Contexto, 2007.

PREFEITURA DE ALVORADA. *História*. Disponível em: <<http://www.alvorada.rs.gov.br>>. Acesso em: 25 out. 2009.

SAFFIOTI, H. I. B. Gênero e patriarcado. IN: VENTURI, Gustavo; RECAMÁN, Marisol; OLIVEIRA, Suely de. *A mulher brasileira nos espaços públicos e privados*, São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 2004.

SCHULTZ, Adilson. *Deus esta presente: o diabo esta no meio: protestantismo e as estrutura teológicas do imaginário religioso brasileiro*. 2005. Tese (Doutorado). Teologia, Escola Superior de Teologia – EST, São Leopoldo, 2005.

WELLER, Wivian. Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens: aportes teórico-metodológicos e análise de uma experiência com o método. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 32, n. 2, maio/ago., 2006. p. 241-260.